



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

VOTANDO COM O “BOLSO” NA AMÉRICA LATINA: uma investigação dos determinantes individuais e macro estruturais do voto econômico.

Rafael da Silva¹

Resumo:

Este trabalho buscou trazer para a análise do voto econômico na América Latina algumas questões presentes no debate existente nas democracias avançadas. Tais questões em voga dizem respeito ao efeito intermediador, na relação economia voto, exercido pelo contexto político-institucional, além de agregar aspectos de ordem atitudinal e comportamental na análises, já que estes podem interferir na avaliação que o eleitor faz dos governos frente ao comando da economia dos países latinos.

Palavras-Chave: voto econômico, América Latina, análise multi-nível.

Introdução:

A literatura sobre o voto econômico surgiu e se desenvolveu nos países de economia e democracia estáveis da parte norte do planeta, principalmente Estados Unidos e os países europeus. Em linhas gerais, o ponto de partida de tal abordagem está na obra clássica de Downs (1999), “Uma teoria econômica da Democracia”, que concebe o eleitor como um agente racional, aos moldes do mercado. Este eleitor avalia retrospectivamente e projeta possíveis ganhos, avaliação prospectiva, e decide em quem votar, caso haja diferencial partidário. Os desdobramentos que sucederam a obra de Downs, tornou os imperativos deste modelos menos exigentes, de modo a se aproximar do eleitor médio de tais democracias: eleitor de baixa informação e interesse por política. A partir das obras seminais de Key (1966) e Kramer (1971), o voto econômico se consolidou

¹ Doutor em Sociologia Política e professor de Política na Universidade Estadual de Maringá, e-mail: eu_fael@yahoo.com.br.



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

com uma abordagem amplamente investigada, proporcionando diversos avanços nesta agenda de pesquisa.

Nas últimas três décadas, a partir de 1990, outros contextos foram incorporados, principalmente as democracias de terceira onda da América Latina, pouco estáveis economicamente e de democracia muito recente. Em geral, os estudos que se voltaram para este contexto atestaram haver um eleitor cujo perfil se aproxima ao do eleitor juiz das democracias avançadas, cuja punição ou premiação de um governo é função da avaliação do mesmo na condução da economia do país. Porém, é necessário sofisticar tais estudos, agregando os avanços que a agenda do voto econômico obteve nos países onde surgiu, sofisticando a relação causal entre economia e voto.

Os principais avanços que precisam ser incorporados estão na: inserção do contexto institucional, já que para alguns autores, esses contextos mediam a relação economia voto, além de incorporar aspectos atitudinais e comportamentais dos eleitores que interferem no julgamento do governo, a identificação partidária por exemplo. Outra necessidade premente diz respeito ao aspecto metodológico, como conceber um modelo que contemple características diversas e distintas umas das outras, seja as dos contextos juntas as individuais. É nesse ponto que assenta a problemática deste trabalho, como se dá a relação causal entre economia e voto quando se contempla na análise aspectos macro-institucionais e individuais de caráter sócio-demográfico, atitudinais e comportamentais?

Para resolver essa problemática, ou pelo menos encaminhar uma resolução, o trabalho está estruturado da seguinte forma, na sequência desta introdução vem o referencial teórico, delineando os aspectos mais gerais e fundamentais dessa agenda de pesquisa, possibilitando identificar os preditores a serem considerados na análise. O tópico seguinte é a metodologia, apresentando os meandros metodológico percorridos para se chegar ao modelo de análise, na sequência vem a análise e por fim as considerações finais.



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

Voto econômico: uma agenda em transformação.

Conforme apontou Camargo (2003), um dos trabalhos seminais que desenvolveu o conceito de voto retrospectivo, depois da obra precursora de Downs, foi V. O. Key Jr., em seu livro “*The Responsible electorate* (1966)”. Nela, o conceito de racionalidade é menos exigente e posto em função do contexto em que se encontra o eleitor, principalmente em relação ao grau de informação, que é restrito, e ao conhecimento que ele possui de determinados partidos políticos, que é limitado. Porém, mesmo diante desse quadro de limitação informacional e de conhecimento de assuntos políticos, o eleitor como um todo não é tolo, “a grande maioria do eleitorado age tão racional e responsavelmente como se pode esperar” (KEY, *apud* CAMARGO, 2003, p. 119). Dispondo daquilo que é de fácil acesso, principalmente em termos de informações sobre os governos, os eleitores atuam como juízes, punindo ou premiando através do voto. É a teoria da recompensa-punição que concebe o eleitor como juiz dos atos dos governantes. Se, na sua análise retrospectiva, a economia vai bem, o governante ganha o seu voto, ou quem ele está apoiando, se vai mal, o voto vai para a oposição. Diferente de Downs, em Key, o eleitor olha para trás e decide, com Downs e olha para trás, projeta os ganhos, rendas de utilidades esperadas, e decide.

Junto a obra acima, encontra-se a de Kramer, “*Short-Term Fluctuations in U. S. Voting Behavior* (1971)”. Nela o autor pontuou alguns estudos antecedentes a sua obra e que foram importantes no fornecimento de pistas para o desenvolvimento de seu estudo. Dentre os estudos, têm-se os capítulos 14 e 15 (Economics Antecedents of Political Behavior; Agrarian Political Behavior, respectivamente) da obra fundadora do modelo psicológico, *The American Voter*. Conforme o próprio autor coloca, “results reported in *The American Voter* also suggest that persons concerned with economic problems tended to vote against the incumbent Republicans in 1956” (KRAMER, 1971, p. 133).

Mas, conforme deixa claro na introdução, seu trabalho é tributário ao modelo “econômico do voto” contido na obra de Downs, e a Key, nas principais



reformulações vistas acima. Os pressupostos assumidos por Kramer estão vinculados a ideia de satisfação, da teoria economicista iniciada por Key, no lugar de utilidade contida na de Downs, conforme Figueiredo (2008). Isso o leva a um entendimento de racionalidade mais restrita, limitada, e não plena como a do exigente modelo downssiano. O eleitor também é concebido em seu microcosmo, e o seu papel é de juiz, julgando um governo a partir da sua atuação pretérita na condução da economia. O resultado desse julgamento determinará quem ele apoiará com seu voto, portanto, existe a opção que está no poder e a alternativa, que está fora.

O eleitor de Kramer (1971) é o “self-interested voter” (p. 134). Este decide seu voto a partir de informações acessíveis, de baixo custo, disponíveis a todos², que o informam como os partidos conduziram a economia quando estiveram a frete de governos.

The past performance of the incumbent party im particular gives some indications of what it would do if returned to offices, and of the effectiveness of its policies and personnel [...] while if the incumbent’s performance is no “satisfactory” the voter votes against the incumbent, to give the opposition party a chance to govern. (KRAMER, 1971, p. 134).

Assim, o eleitor estará mais suscetível ao apelo da oposição quanto mais estiver insatisfeito com o atual governo e a economia. Bem como o contrário, tenderá a atender aos apelos da situação, quanto mais estiver satisfeito com ela na condução do governo e da economia. Portanto, estar satisfeito com o governo e a economia é a chave que liga o voto do eleitor à situação, e a insatisfação ligará o seu voto a oposição. Nas análises, o autor utilizou alguns índices econômicos (desemprego, inflação, salário real, custo de vida) para retratar a saúde da economia, sendo eles os preditores, e os votos para o Congresso

² As questões relacionadas à busca por informações foram abordadas por Downs: as incertezas, informações incompletas, custos cognitivos e de tempo para se informar e o uso de atalhos informacionais (conversas com amigos, opiniões de colunistas e editorialistas e a identificação com algum partido)



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

norte-americano. Basicamente, os resultados apontaram que a redução na renda pessoal implica em perda de cadeiras ocupadas no congresso pelo partido do presidente. Além disso, para o período em estudo, as variações sofridas pela economia explicaram grande parte da variação dos votos nas eleições congressuais. Posto isso, o núcleo da tese do voto economicista pode ser assim delineada, conforme expôs Tufte (1978): pensar em economia é pensar em eleições e vice e versa, o eleitor define seu voto com o bolso³.

Fiorina (1981) reforça a teoria ao apontar a importância da avaliação retrospectiva do eleitor em relação à condução da economia, sendo o resultado dessa avaliação o definidor do voto, punindo caso seja negativa e premiando o partido incumbente caso seja positiva. Porém, para o autor, o passado não entra apenas como uma variável no cálculo dos custos, mas está diretamente associada a uma expectativa em relação a determinados *issues*, de bem estar futuro etc..., que o leva a punir ou premiar através do voto. Outras questões não econômicas foram consideradas, como a identificação partidária, que interfere na avaliação retrospectiva. Aqui também as informações que balizam a avaliação são de baixo custo, a própria experiência do eleitor, em contato com o noticiário cotidiano, é o substrato para o seu julgamento.

O autor identificou que entre os eleitores que avaliaram que a situação interna da economia havia melhorado e que a política internacional estava bem, aumentou significativamente a identificação com os republicanos⁴, partido que comandou o executivo nacional no período de 1953 a 1960, com a dobradinha Republicana Eisenhower e Nixon. Com dados de outro levantamento⁵, identificou um declínio na identificação partidária com os mesmos Republicanos na década de 1970, período comandado por Nixon e Ford, no mandato do primeiro estourou o caso Watergate, e no segundo houve o perdão do colega de partido, gerando muita insatisfação entre o eleitorado.

³ Tufte (1978) mostrou como o aumento da renda impacta em aumento na votação dos candidatos do partido do presidente que disputam as eleições congressuais. Mais especificamente, o impacto se deu na seguinte proporção: a cada aumento real de 100 dólares na renda per capita dos eleitores norte-americanos, impactou em um aumento de 3,5 pontos percentuais de votos nos candidatos do partido do presidente em disputa para o Congresso.

⁴ Dados coletados em 1956, 1958 e 1960.

⁵ Dados coletados em 1972, 1974 e 1976.



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

Kindler e Kiewiet (1981) se propuseram a compreender qual dimensão da avaliação da economia é mais determinante na decisão do voto: a idiotrópica, referente a situação econômica do eleitor e de sua família, ou a sociotrópica, relacionada ao desempenho econômico do país. Como resultado os autores apontaram ser a avaliação sociotrópica a que mais influencia a decisão dos eleitores, seja na votação para o congresso, presidente ou até na identificação partidária. Vale ressaltar que ao atestar a avaliação sociotrópica como a mais determinante, os autores não estão afirmando que os eleitores são altruístas, ou coisa do gênero. Apenas dizem que a avaliação da economia do país, a partir de alguns índices fundamentais, constitui o principal mecanismo decisório do voto, tendo em vista que eles são recorrentemente debatidos nos meios de comunicação.

Em outro texto, Fiorina (1991) reforça a tese do voto econômico, resgatando outros estudos, afirmando que a década de 1980 foi emblemática nesse aspecto. O Republicano Reagan ao tomar medidas duras contra a inflação, viu sua aprovação cair mais de 30 pontos percentuais, na medida em que a economia foi se recuperando, a inflação foi controlada e a empregabilidade melhorou, sua aprovação se elevou. Esse bom momento da economia foi fundamental, inclusive, para que o também Republicano Bush ganhasse as eleições e assumisse a presidência em 1989, sucedendo Reagan na presidência dos Estados Unidos.

Assim, a avaliação sociotrópica dos eleitores, com base em informações divulgadas e debatidas amplamente pela imprensa, seria o principal aporte decisório. Informações como a inflação, o desemprego e o crescimento econômico (PIB) seriam indicadores fundamentais na construção da avaliação. Porém, ele afirma que os impactos destes indicadores individualmente não são homogêneos no eleitorado, os de baixa renda são mais afetos ao desemprego, enquanto os de alta renda são mais influenciados pelo crescimento da economia, medido pelo PIB. Por fim, ele resume o efeito da economia na política em duas formas: 1) uma de curto prazo, levando o eleitor a optar por este ou aquele partido em um determinado pleito, seja na eleição congressional ou presidencial,



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

em face a conjuntura econômica e outro 2) de médio/longo prazo que diz respeito à identificação partidária, eleitores que avaliam positivamente de forma duradoura a economia, tendem a construir uma ligação estável com o partido que a comanda, na medida em que a experiência denuncia a má gestão, o partido tende a perder simpatizantes.

Anderson (2000) questionou a relação causal direta estabelecida entre economia e apoio à governos, para ele essa relação não é direta. A influência da saúde econômica é filtrada pelo contexto político antes de resultar em recompensa ou punição a um determinado governo. Desta forma, dependendo do contexto político, o desempenho da economia poderá afetar mais ou menos o apoio ao partido no governo, o que não pode ser entendido como uma refutação da tese do voto econômico, mas sim uma qualificação que aponta a importância da dimensão contextual. Para ele, os diversos níveis decisórios de governo e as coalizões podem obscurecer a responsabilização quanto ao desempenho econômico.

O autor afirma que essa constatação não é nova, outros autores problematizaram de alguma forma a relação economia/apoio-punição ao governo, Powell e Whitten (1993) e Lewis-Beck (1986, 1988). A intenção dele é avançar nesse debate. O autor usou três variáveis de contextos, i- a clareza institucional, uma medida extraída de Powell e Whitten (1993) que classifica o contexto político institucional como mais claro, portanto mais favorável a imputar responsabilidade pelo sucesso ou insucesso econômico, recebendo valor 0, e os menos claros, logo menos favoráveis a imputar responsabilidades, recebendo valor 5; ii- o tamanho do partido governista, captada de duas formas: a) força no parlamento (nº de assentos do partido do governo) e b) força do gabinete (nº de cargos ocupados pelo partido do governo); por fim iii- o número efetivo de partido no parlamento e na coalização de governo.

Completando o conjunto de variáveis independentes, o autor usou as de controle (ideologia, religiosidade e classe social) e para a avaliação da economia usou a sociotrópica e idiotrópica, ambas retrospectivas. As principais conclusões que o autor chegou podem ser resumidas da seguinte forma: 1- nos países com



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

maior clareza institucional, a avaliação sociotrópica teve efeito mais forte, enquanto nos contextos menos claro foi a avaliação egocêntrica; 2) contextos em que o partido do governo é mais forte, o apoio a eles diminui conforme reduz a avaliação positiva da economia e aumenta conforme o aumento da avaliação positiva; 3) maior o número de partidos na coalizão de governo, menor a capacidade de responsabilização, quanto ao desempenho econômico. Já a avaliação que apresentou maior efeito em geral foi a sociotrópica, já o efeito do multipartidarismo não ficou claro, porém, em se tratando de bipartidarismo o efeito é mais contundente. Por fim, o autor encerra o texto reafirmando que não se pode estabelecer uma relação direta entre economia e voto, estando entre elas o contexto, porém, há a necessidade de utilizar variáveis de contexto mais sensíveis, refinando as conclusões.

No âmbito da América Latina, os estudos comparados, relacionando economia e resultado eleitoral, são em menor volume e mais recentes, quando comparado ao que se produziu sobre as democracias desenvolvidas, conforme apontamentos de Lewis-Beck e Ratto (2013). Echegaray (1995) é um dos trabalhos que, aos moldes dos clássicos estudos sobre economia e eleições, se propõe trazer tal análise para essa região do continente americano. Para o autor, a ausência de estudos sobre a América Latina se explica pela história recente, grande parte dos países viveu sob regimes autoritários, sem a existência de eleições competitivas, vindo a se redemocratizar recentemente, na terceira onda de democratização. Ao estudar, em âmbito agregado, 30 eleições entre 1982 e 1994 em 15 países, o autor se propôs testar duas hipóteses: i) o voto econômico, se o eleitor vota com o bolso, e ii) de que as eleições são referendums políticos, ou seja, possuem um caráter subjetivo ligado a popularidade da liderança presidencial.

Como variável dependente, utilizou o percentual de votos válidos obtidos pelo partido ou coalizão do governo e como preditores sete variáveis independentes: média anual de inflação, média de variação percentual da inflação nos quadrimestres antecedentes à eleição, média anual de crescimento do PIB, média anual de crescimento do PIB per capita, desemprego,



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

popularidade do presidente e partidismo. Ao final de uma bateria de testes, o autor conclui que “as eleições presidenciais latino-americanas têm sido mais fiéis a uma interpretação do tipo *“referendum político”* do que de “voto econômico” (ECHEGARAY, 1995, p. 101). Ou seja, não é a experiência econômica recente vivenciada pelo latinoamericano que definiu seu voto nas eleições analisadas, mas sim, a avaliação que ele fez da gestão do presidente da república em exercício, avaliação de caráter personalista na medida em que o que está em jogo é a figura pessoal do mandatário.

Resgatando a literatura sobre o assunto, Singer (2011) apontou para o fato de que em determinados momentos, alguns fatores econômicos foram mais relevantes na decisão do eleitor que outros. Ele apontou o trabalho de Remmer (1991) que estudou, no período de 1982 a 1990, 21 eleições e apontou que as crises econômicas minaram o apoio aos governos e provocaram altos níveis de volatilidade eleitoral. O principal fator agravante do baixo apoio foi a inflação, conclusão esta que se coaduna com outros estudo como o de Echegaray (2005). Porém, a partir da segunda metade da década de noventa, Singer (2011) afirma que a inflação foi perdendo importância e o crescimento econômico passou a ser a variável econômica mais forte. Por fim, o que o autor coloca é que a economia, vista de forma agregada, é elemento importante na definição do voto, porém, a influência que seus componentes (inflação, desemprego ou crescimento) exercem dependerá do desempenho progresso recente de cada um desse indicadores.

Lewis-Beck e Ratto (2013) fizeram um breve resgate dos estudos sobre economia e eleições, apontando que na década de 1980 estes estudos em nível individual e comparado pipocaram e evidenciou a avaliação sociotrópica retrospectiva como a que mais influencia o voto, dentre as avaliações coletadas em nível individual. Assim, a missão que eles se impuseram é de estudar a América Latina, contexto pouco estudado, aos moldes do que fora feito nos países desenvolvidos. Eles usaram o voto no incumbente como variável dependente e as sociodemográficas, identificação partidária, auto-posicionamento ideológico e avaliação sociotrópica retrospectiva como



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

independentes. Como conclusão final, os autores apontaram para o fato de que na AL, assim como nas democracias desenvolvidas, o eleitor avalia o histórico recente da economia e age punindo ou premiando os governantes. Eles afirmam que estes resultados desconstruem aquela imagem de que os eleitores latino-americanos são permissivos com seus governos ineficientes, sem puni-los.

Um trabalho que sofisticou o conhecimento acerca do voto econômico na América Latina foi o de Veiga (2013). A autora faz um bom resgate da literatura, algumas consideradas acima, classificando-as em três ondas de estudos. A primeira onda teve como marca o uso de indicadores macroeconômicos (desemprego, renda, PIB e inflação) e séries temporais (várias eleições de um mesmo país). Uma segunda onda de estudo surgiu posteriormente e ficou marcada pelo uso de medidas subjetivas, como as avaliações retrospectivas, prospectivas, sociotrópica e idiotrópicas. Porém, o uso de tais medidas foram questionadas por poderem ser expressões de baixa informação sobre a saúde da economia, outros fatores que não os relacionados à economia real interferem na avaliação do eleitor (características demográficas, exposição a mídia, atitudes, identificação partidária). Outros autores propuseram um meio termo, uso de dados macroeconômicos e avaliação subjetiva agregada da economia.

A terceira onda apontada pela autora incorporou os aspectos dos contextos políticos, características dos sistemas eleitorais e o quanto o sistema político fornece clareza para o eleitor imputar responsabilidades políticas. A saúde da economia, segundo essa onda, permaneceria como principal preditor, porém, a sua relação com o voto seria mediada pelo contexto político (Anderson, 2000; Powell e Whitten 1993; Lewis-Beck 1986 e 1988). Mas a grande contribuição da autora está na constatação de que em um período marcado pela prosperidade econômicas e redução drástica da pobreza nos países latino-americanos, as variáveis macro-econômicas perderam espaço para os investimentos governamentais na área social. Ou seja, a partir das condições gerais de um determinado contexto, os eleitores passam a se preocupar com outras questões, como foi o caso do considerável período de estabilidade e



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

crescimento econômica vivenciado pelos países latino-americanos na primeira década do corrente século.

Metodologia:

Análise dos dados:

Considerações Finais:

Referências Bibliográficas:

ALESINA, A.; CARLINER, G. Politics and Economics in the Eighties. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

ANDERSON, C. J. Economic voting and political context: a comparative perspective Electoral Studies 19, 2000, pp. 151–170

CAMARGOS, M. B. Economia e Voto: Fernando Henrique versus Lula, 1998, in: TELLES, Helcimara; LUCAS, João Ignácio (orgs), Da Rua às Urnas, Caxias do Sul: Educs, 2003.

CAMARGOS, M. B. refinando a teoria do voto econômico: América Latina revisitada. In: TELLES, H.; MORENO, A. (Orgs). Comportamento eleitoral e comunicação política na América Latina: o eleitor latino-americano. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CRUZ, C. C. M. S. Modelos Multi-nível: fundamentos e aplicações. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa, 2010.

DOWNS, A. Uma teoria econômica da democracia. São Paulo: Edusp, 1999.

DOWNS, A. Teoría económica de la acción política em uma democracia. In: Diez textos básicos de ciencia política. 2ª ed. Ariel Ciencia Política. 2001. pp. 171-202.



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

ECHEGARAY, Fabian. Voto Econômico ou Referendum Político Os Determinantes das Eleições Presidenciais na América Latina, 1982-1994. *Opinião Pública*, Campinas, Vol III, nº2, 1995, pp. 88-109.

FIGUEIREDO, M. A decisão do voto: democracia e racionalidade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2008.

FIORINA, M. Elections and the Economy in the 1980s: Short- and Long-Term. Effects. In: ALESINA, A.; CARLINER, G. *Politics and Economics in the Eighties*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

FIORINA, M. P. *Retrospective Voting in American National Elections*. New Haven, CT: Yale University Press, 1981.

FIORINA, M. Elections and the Economy in the 1980s: Short- and Long-Term Effects. In: ALESINA, A.; CARLINER, G. *Politics and economics in the eighties*. The University of Chicago Press, Chicago, 1991.

Key, V. O., Jr., *The Responsible Electorate: Rationality in Presidential Voting, 1936-1960*. New York: Vintage, 1966.

Kinder, D.R., Kiewiet, D. R. Sociotropic politics: the American case. *British Journal of Political Science* 11 (2), 1981, pp. 129-161.

KRAMER, G. H. "Short-Term Fluctuations in U. S. Voting Behavior". *APSR*. Vol. LXV, nº 1, 1971, pp. 131-143.

LEWIS-BECK, M. S. Comparative economic voting: Britain, France, Germany, Italy. *American Journal of Political Science* 30, 1986, pp. 315-346.

LEWIS-BECK, M. S. *Economics and Elections: The Major Western Democracies*. University of Michigan Press, Ann Arbor, MI, 1988.

LEWIS-BECK, M. S.; RATTO, M. C. Economic voting in Latin América: a general model. *Electoral Studies*, XXX, 2013, pp. 1-5.

OLIVEIRA, O. J. *Modelos Lineares hierárquicos*. UFP, 2013.

PERES, P. S. As abordagens neo-institucionais da política: uma proposta alternativa de análise classificatória. *Revista Versões*, Vol. III, Nº 04, 2008a, pp. 145-178.

PERES, P. S. Comportamento ou instituições: a evolução histórica do neo-institucionalismo da ciência política. *RBCS* Vol. 23 n.o 68, 2008b, pp. 53-71

REIS. F. W. Prefácio. In: DOWNS, A. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: Edusp, 1999.



10º ENCONTRO CIÊNCIA POLÍTICA E A POLÍTICA:
MEMÓRIA E FUTURO
Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte
30 de agosto a 2 de setembro - 2016

Powell, G.B., Whitten, G.D. A cross-national analysis of economic voting: taking account of the political context. *American Journal of Political Science* 37, 1993, pp. 391–414.

PUENTE-PALACIOS, K. E.; LAROS, J. A. Análise multi-nível: contribuições para estudos sobre o efeito do contexto social no comportamento individual. *Estudos de Psicologia I Campinas I* 26(3) I 349-361 I julho - setembro 2009

REMMER, K. The political impact of economic crisis in Latin America in the 1980s. *American Political Science Review*, v. 85, n. 3, 1991, pp. 777-800.

SANTOS, A. M. Regras eleitorais importam? Modelos de listas eleitorais e seus efeitos sobre a competição partidária e o desempenho institucional. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 49, n 4, 2006, pp. 721 a 749.

SINGER, Economic Voting in an Era of (Non)Crisis: The Changing Electoral Agenda in Latin America 1982-2010. Workshop on Elections, Electoral Behavior and the Economy in Latin America.

TELLES, Helcimara; LUCAS, João Ignácio (orgs), *Da Rua às Urnas*, Caxias do Sul: EducS, 2003.

TELLES, H.; MORENO, A. (Orgs). *Comportamento eleitoral e comunicação política na América Latina: o eleitor latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TUFTE, E.R. *Political Control of the Economy*. Princeton University Press, Princeton, 1978.

VEIGA, L. *Economic Voting in an Age of Growth and Poverty Reduction: Electoral Response in Latin America (1995-2010)*. UC Irvine: Center for the Study of Democracy, 2013. Retrieved from: <https://escholarship.org/uc/item/8r683983>